

DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL: REFLEXÕES E DESDOBRAMENTOS

Mariana Correa Pereira¹
Ramon Sampaio²
Simone Aparecida Ribeiro³

Resumo

Os termos raça e etnia, em sua ampla diversidade, oferecem um leque valioso de conhecimentos à sociedade. No entanto, nos dias de hoje, ainda há controvérsias acerca do assunto, o que revela a necessidade de discussões mais profundas sobre o mesmo. Os termos, em questão, são usados de forma equivocada. A falta de conhecimento em relação à diferença entre etnia e raça pode provocar práticas racistas na sociedade. A cultura brasileira é plural, multifacetada e composta por uma forte mescla de costumes, com grandes diferenças nas formas de tratamento, conduta, respeito, direitos e oportunidades no que tange à etnia/raça de cada um. Diante da atual condição e forma com que os temas são tratados no âmbito acadêmico e comunidade escolar, o projeto de extensão “Etnia, Racismo e Cinema” busca, junto com os discentes de duas instituições distintas de ensino, propor discussões sobre o tema de uma maneira clara e objetiva dinamizando os conhecimentos, com o intuito de oportunizar aos alunos um olhar crítico e diferenciado sobre as questões de raça e etnia. O projeto envolve alunos do 3º período do Curso de Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira, Juiz de Fora - MG, e os alunos da Escola M. Vereador Raymundo Hargreaves, também em Juiz de Fora.

Palavras chave: Diversidade; cultura; etnia; raça.

¹PEREIRA, Mariana Corrêa. Acadêmica de Psicologia da UNIVERSO/JF, MG, 2017.

²SAMPAIO, Ramon. Acadêmico de Psicologia da UNIVERSO/JF, MG, 2017.

³RIBEIRO, Simone Aparecida. Mestre em Educação pelo CES/JF, Professora da UNIVERSO/JF, MG, 2017.

1 Introdução

O termo “etnia” advém de um contexto geral sobre o que nos cerca e está relacionado com os costumes, extrapolando a condição biológica ao qual o conceito de “raça” tenta nos restringir, dado o seu aspecto limitador em relação aos que trazem em seu biotipo traços singular. A falta de conhecimento e de distinção adequada entre os dois conceitos resulta geralmente em práticas de racismo, levando os indivíduos a práticas etnocêntricas, e a tratarem as pessoas de determinada etnia/raça de forma excludente, abusiva e ofensiva. Pessoas com este tipo de comportamento sentem-se superiores em relação aos outros simplesmente porque são brancos e os outros são negros. Por trás deste explícito e, muitas vezes, velado gesto de preconceito, há ideologias que atravessam a nossa história e que pedem atenção.

Com base nestes pressupostos, cremos ser este projeto uma oportunidade de gerar discussões produtivas com vistas a resultados no que tange aos comportamentos e posturas dos estudantes, uma vez que a educação deve ser perpassada, sobretudo, por intervenções significativas no modo de pensar, agir e interagir com os outros. Portanto, este projeto se pautou em reflexões e estudos teóricos sobre o assunto, mas seu principal ensejo foi gerar novas modalidades de posicionamento-comportamento diante das diferenças.

2 Metodologia

Utilizamos recursos tecnológicos e ferramentas pedagógicas como: dinâmicas de grupo, filmes, apresentação de slides, discussão e curiosidades englobando diversidade étnico-racial. Buscamos sempre a participação ativa de todos os alunos envolvidos, auxiliando na ruptura de estereótipos e possibilitando a compreensão de que devemos tratar com igualdade a diferença. Proporcionamos uma ampla reflexão sobre o assunto, através de dinâmicas de grupo, pois muitos alunos possuem realidades semelhantes, apesar de externamente possuírem características biológicas distintas, como: cor de pele, cabelo e tipo físico. Usamos a obra cinematográfica “Antes de partir”, para alavancar o debate sobre questões cotidianas e laços afetivos que extrapolam a tonalidade da pele. O encontro foi realizado em horário pré-estabelecido pelo corpo docente da escola com duração de três horas. Seguem algumas ações realizadas durante o Projeto: leitura proveitosa e dialogada sobre o tema “diversidade”; relatos sobre práticas de racismo trazidos pelos alunos envolvidos; exposição dos pontos de vistas dos alunos sobre situações vivenciadas por eles em suas respectivas comunidades, no que diz

respeito a questões raciais e debates sobre os conceitos de raça e etnia a partir de filmes e leituras sugeridas.

3 Desenvolvimento

Os conceitos de raça e etnia são comumente confundidos pela maioria das pessoas, inclusive as que têm certo nível de instrução e escolaridade. Com a criação da Lei 10639/2003, criada no governo do ex-presidente Lula, que tornou obrigatório o ensino da História da África nas escolas brasileiras, tais conceitos passaram a ser mais veiculados, o que fez vir à tona o grande desconhecimento, por parte de estudantes e professores, em relação a estes termos, seus significados e especificidades.

A compreensão e a clareza acerca das idiossincrasias de cada conceito colaboram para a redução de práticas preconceituosas e racistas, pois se abre, a partir da pesquisa que, por sua vez, oportuniza desfazer as diferenças entre os dois conceitos, a oportunidade de se perceber as diferenças, e estabelecer critérios mais objetivos antes de se partir para o julgamento de uma pessoa com base na cor de sua pele, na espessura de seus cabelos, no formato dos seus traços faciais.. Importa lembrar que, ao se falar de preconceitos relacionados à raça e etnia, podemos englobar também outros tipos fenotípicos, como os índios, os asiáticos e afins. No entanto, o foco deste projeto são os negros – afrodescentes.

Nesse sentido e com vistas a equalizar as confusões que proliferam acerca das nomenclaturas e seus significados, nosso projeto pautou-se por ocupar-se, anteriormente às ações em campo, por um trabalho de pesquisa em que os conceitos supracitados fossem devidamente esclarecidos. Isso, sem dúvida, fez diferença no desenvolvimento do projeto, uma vez que possibilitou aos participantes um novo alcance em relação às classificações e às diferenças conceituais entre raça e etnia.

Vale lembrar que, muitas vezes, práticas de preconceito (sejam estas em relação a qualquer categoria: de gênero, linguística, cor da pele, condição econômica, escolaridade, faixa etária) estão relacionadas à falta de conhecimento, à absoluta e empobrecedora ignorância em relação às singularidades e à complexidade que constitui o ser humano. Não são raras as vezes em que muitos preconceitos caem por terra, quando o indivíduo passa a ter acesso a conhecimentos e informações sobre o assunto em relação ao qual ele tinha tantas reservas, e que para ele era motivo de rechaçamento, chacota, e exclusão. Não se pode dizer que somente o conhecimento e a informação são suficientes para redimir e minimizar práticas de exclusão e racismo, ou outras posturas preconceituosas, mas queremos sinalizar que

acreditar no conhecimento e na informação como ferramentas de desalienação e educação é um bom e proffcuo caminho para se iniciar um trabalho de formação em âmbito acadêmico e também em outros níveis escolares.

Como educadores, é necessário ter esta perspectiva, pois a maior ferramenta de um educador é o conhecimento, por meio do qual se pode alavancar novas formas de pensamento e de interação com o outro. Portanto, ao se pensar um projeto no teor deste em questão, não se pode esquivar da pesquisa e da investigação sobre o campo semântico que envolve os sentidos das palavras, suas origens, intenções e distinções. Deste modo, os alunos podem começar a rever seus conceitos, pensar de outro modo, comparar, sair do campo da especulação para entrar na objetividade da investigação, mediada sempre pelo professor.

Em termos práticos podemos exemplificar aquele tipo de situação muito comum em que uma pessoa subestima e rotula a outra apenas pelo fato de esta ter o cabelo crespo, e a pele escura, além de outros detalhes que estão na franja destes.

Ora, se começa a investigar o motivo pelo qual os negros têm o cabelo crespo, e a pele negra, e todos os traços corporais que o compõem em sua identidade negra, à que chamamos de negritude, e se compreende que esses traços físicos estão ligados a questões geográficas, relacionadas às condições de sobrevivência dos ancestrais africanos num continente hostil, de temperaturas abrasadoras, e que, para sobreviverem foi preciso desenvolver um corpo físico equalizado a tais condições. Além disso, aprofunda-se mais nesta pesquisa, fazendo uma viagem no tempo, possivelmente muitos preconceitos e estigmas serão mais facilmente quebrados. Não significa pensar que conhecer a História dos negros e da África é suficiente para extirpar com as práticas de racismo. Mas é importante apostar no conhecimento sobre as questões que envolvem a história e a trajetória daqueles sobre os quais se lança, a priori, e sem o menor motivo, um olhar de aversão e muitas vezes e de ódio. Conforme Cátia Cardoso Abdo Quintão,

“... raça e etnia são dois conceitos relativos a âmbitos distintos. Raça refere-se ao âmbito biológico; referindo-se a seres humanos, é um termo que foi utilizado historicamente para identificar categorias humanas socialmente definidas. As diferenças mais comuns referem-se à cor de pele, tipo de cabelo, conformação facial e cranial, ancestralidade e genética. Portanto, a cor da pele, amplamente utilizada como característica racial, constitui apenas uma das características que compõem uma raça. Entretanto, apesar do uso freqüente na Ortodontia, um conceito crescente advoga que a cor da pele não determina a ancestralidade, principalmente nas populações brasileiras, altamente miscigenadas.

Etnia refere-se ao âmbito cultural; um grupo étnico é uma comunidade humana definida por afinidades lingüísticas, culturais e semelhanças

genéticas. Essas comunidades geralmente reclamam para si uma estrutura social, política e um território.”

No caso do Brasil a abordagem sobre raça e etnia precisam passar por crivos muito flexíveis, considerando-se o alto grau de miscigenação pelo qual passou o país desde sua descoberta. No Brasil, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia Estatística), o censo demográfico do ano 2.000 investigou a raça ou cor da população brasileira através da autoclassificação em: branco, preto, pardo, indígena ou amarelo.

Há muito na literatura a respeito de classificações raciais; no entanto, são contraditórias entre si. No tocante a estas definições vale lembrar também que, no Brasil, os povos indígenas constituem uma identidade racial. No entanto, devido às diferentes características socioculturais, os grupos são definidos por etnia. Um ponto que foi discutido entre os alunos mostrou que, enquanto raça engloba características fenotípicas, como a cor da pele, a etnia também é constituída e compreendida por fatores culturais, como a nacionalidade, afiliação tribal, religião, língua e as tradições de um determinado grupo. (SANTOS, PALOMARES, NORMANDO E QUINTÃO, 2010, P. 121-4).

É impensável conceber a realidade brasileira sem considerar os processos de miscigenação que constituem a sua diversidade, e que, em função da forma errônea como foi interpretada gerou a prática do racismo, e as desigualdades socioeconômicas, demandas estas que nos requisitam a promoção do pensamento reflexivo desde o início da nossa constituição como agentes transformadores, a fim de catalisarmos uma vivência mais salutar frente às diferenças, e a da violência, gerada pelo racismo.

Em um mundo cheio de variáveis no tocante à questão cultural, devemos levar em conta que não existe um nível satisfatório de compreensão entre costumes de determinada região com relação a outras, não importando a distância geográfica. O que se percebe é que há grande dificuldade em se estabelecer um contato amistoso quando os indivíduos se vêem diante de culturas, costumes, até mesmo sotaques diferentes. Incluímos neste pacote de diferenças variados elementos, como crenças, modos de usar a língua, vestuário, e, no caso específico deste projeto, a cor da pele e tudo que esta implica. O confronto com as diferenças resulta, na maioria das vezes, em atritos advindos da total inabilidade ou interesse, por parte de uma grande camada da sociedade, de aceitar aquele que é diferente. Muitas vezes também, porque o indivíduo está de tal maneira cristalizado no seu padrão e ponto de vista, que é inaceitável ver que há um outro ser humano com outras características distintas da sua.

Segundo Candau e Oliveira (2010), a cultura apresenta uma pluralidade em relação aos conteúdos de sua história, englobando rituais diversos em relação à política, educação, saúde, lazer, entre outros. Isto nos motiva a trabalhar de maneira mais focada em busca de sanar ou, pelo menos, tentar minimizar os efeitos negativos gerados em determinados

indivíduos quando se vêem diante de uma cultura distinta daquela em que estão inseridos. Podemos notar que alguns indivíduos se encontram em condições mais favoráveis que outros no tocante à educação, ao acesso a bens culturais, moradia, saúde e afins.

É comum perceber que oportunidades e direitos são proporcionados em diferentes escalas para certos grupos culturais de uma mesma região e negados a outros. De acordo com Martins, Santos e Schucman (2012), a cultura afro-descendente trouxe mudanças ao Brasil devido ao papel do indivíduo negro, e trouxe também o desconforto que os demais sentiam ao terem contato com pessoas pertencentes a esta “raça”. Ainda hoje, o negro permanece lutando para conquistar seu espaço e ter as mesmas oportunidades concedidas aos outros.

De forma pontual, trabalhar a cultura e suas vertentes na educação deveria alavancar progressos na sociedade. As práticas escolares devem englobar a educação para a diversidade, envolvendo crianças desde a sua primeira formação, no âmbito doméstico e escolar. Este tema deve ser parte do cotidiano, e nesse sentido, a escola tem papel fundamental, na perspectiva de promover o contato amistoso com o outro, e um olhar diferenciado para quem, aos olhos da maioria, é diferente e incomum aos demais. De acordo com Candau e Oliveira (2010), a cultura em suas ramificações deve ser vista como provedora de saberes. Deste modo, e a partir desta crença, nosso projeto almeja ampliar as reflexões sobre conceitos de etnia e ‘raça’, terminologias ainda tão mal interpretadas. Pretende-se mostrar sua constituição e o caminho percorrido para se consolidar melhores relações com as pessoas nos dias de hoje. Ao proporcionar ferramentas e acesso a um mundo permeado de diferenças e singularidades, esperamos promover espaços mais justos de trocas e oportunidades, com a redução de danos no que se aplica à desigualdade social.

Segundo o MEC (2013), desde o século XX, no Brasil, iniciaram-se tentativas de se estabelecer medidas para alcançar um ensino que buscasse como pauta a diversidade no sistema educacional. A partir desta inserção, podemos notar a abertura do pensamento crítico e possibilidades para o debate acerca de questões que envolvam preconceito, temáticas raciais, sociais e culturais, enriquecendo assim o currículo escolar das diretrizes educacionais. É compromisso de o currículo escolar trabalhar formas e metodologias que contemplem vertentes com vistas à valorização do negro e seu destaque na sociedade perante a depreciação de sua imagem.

A educação é uma ferramenta que pode intervir nas questões destinadas à ampliação de direitos, e realizar mudanças no modo como as pessoas agem com outras culturas e etnias raciais, englobando situações cotidianas advindas de costumes diferentes, tendo em vista que o ambiente escolar é, na maioria dos casos, um dos primeiros ambientes em que se tem uma

real noção de socialização com diferentes grupos. Segundo Almeida e Careno (2012, p. 76-77), as questões advindas da escola, onde existe preconceito e racismo fortalecem a forma como os indivíduos agem na sociedade, aumentando a crença de que há uma etnia superior à outra.

A constituição curricular deve promover reflexão e oferecer aos alunos conteúdos que oportunizem uma desconstrução do preconceito e convicções errôneas enraizadas pela tradição histórica. Conforme Santos et al. (2010), no período entre 1758 a 1795 várias classificações foram criadas para designar questões raciais e, embora os termos *raça* e *etnia* sejam extensivamente utilizados, as diversas classificações acabaram favorecendo seu emprego equivocado, sendo o termo 'raça' relacionado a atributos morfológicos, e 'etnia' para além das particularidades físicas, englobando questões culturais.

Em um cenário com tanta diversidade, urge buscarmos um aprofundamento cultural e possibilidades na miscigenação de raças e etnias, para que possamos lidar com os impasses diante das diferenças, sejam elas estudadas por qualquer área ou ciência que vise conquistar avanços e benefícios para os indivíduos dentro da cultura de uma maneira geral. Segundo Araujo (2002), no Brasil há um costume que leva as pessoas a desconsiderarem as questões étnicas com certa regularidade, hábito este fortalecido diante de situações cotidianas provenientes do contexto social dos indivíduos.

A Psicologia é uma ciência que necessita aprofundar os conhecimentos nas questões culturais, para buscar entender melhor como ela é representada para quem a exerce e juntamente com quem recebe as demonstrações de um costume diferente do seu, tendo assim contato com raças e etnias diferentes. De acordo com Araujo (2002), a Psicologia que deseja tornar-se pioneira no estudo das diversas culturas deve ter uma noção da dimensão como a questão da etnia racial é entendida por diferentes pessoas e contextos, e trazer para a pauta de suas reflexões a importância do conhecimento da realidade do outro. Nesse sentido, é importante que sejam reconhecidos pelas diversas áreas do conhecimento humano os prejuízos coletados por uma sociedade na qual há intolerância, preconceito e julgamentos baseados em diferenças no pensamento e em características físicas.

As relações étnico-raciais têm sido tratadas predominantemente no Brasil como um tema da História (escravidão e o país após a abolição) e da Sociologia (configuração da sociedade brasileira), da Economia (renda, participação no mercado de trabalho etc.) ou do Direito (interpretações da Constituição). Mas, apesar da evidente repercussão psicológica das questões de raça, preconceito e discriminação o assunto precisa ser investigado com maior rigor pelos psicólogos.

No Brasil, historicamente as perspectivas e atitudes sobre as questões étnico-raciais da população tem se traduzindo em arranjos e políticas sociais que limitam oportunidades, formas de tratamento e expectativas de vida, conduzindo a população negra, a condições de vida desiguais quando comparadas a população branca.

A opressão, a discriminação e a humilhação social que são produzidas pelas desigualdades têm sido objeto crescente de investigação da psicologia. O racismo presente nas relações étnico-raciais no Brasil é um fator determinante das desigualdades e produz humilhação social e sofrimento psíquico dos negros, além de justificativas naturalizantes das injustiças sociais, sendo importante evidenciar as contribuições da psicologia para o enfrentamento dessa problemática.

O projeto teve início no primeiro semestre de 2017 após pesquisas teóricas de cunho étnico-racial com o intuito de apresentar aos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental da Escola M. Vereador Raymundo Hargreaves e aos acadêmicos do Curso de Psicologia questões sobre discriminação e racismo na atualidade, por meio de uma metodologia adequada à faixa etária e ao nível escolar dos mesmos. Além das pesquisas realizadas, houve debates com os alunos dos anos finais de uma escola da rede municipal de Juiz de Fora, e obtivemos um feedback satisfatório e amistoso por parte de todos os envolvidos.. Através dos relatos durante a aula e dos comentários após a aplicação didática do tema estudado, comprovamos a motivação dos alunos em relação aos temas e à forma como foram contextualizados aos seus cotidianos e experiências pessoais. O resultado deste projeto culminou no aprofundamento da pesquisa, que teve como desdobramento a produção do artigo intitulado “Diversidade Étnico-Racial: reflexões e desdobramentos”, buscando contribuir de maneira acadêmica com estudos que abordem a temática do racismo na atualidade.

4 Conclusão

Este trabalho pretendeu criar meios para que os alunos envolvidos refletissem sobre seu papel na sociedade, e atuassem de forma crítica e afirmativa diante de questões sobre diversidade no contexto étnico racial, desenvolvendo a reflexão e a tolerância no seu sentido pleno, bem como o respeito no convívio com a diversidade.

O seu principal intuito foi no sentido de ser uma contribuição para os discentes de ambas as instituições envolvidas e para o público de uma maneira geral, proporcionando a reflexão, o debate, e possíveis mudanças de conduta em relação às questões de etnia e raça. Por sua importância na composição da sociedade como um todo, e na comunidade acadêmica e escolar, desde a educação infantil, é um assunto que não pode deixar nenhum sujeito de fora, pois diz respeito a uma questão de responsabilidade pessoal e social.

Por meio deste projeto foi possível estimular os adolescentes a praticarem uma discussão significativa sobre o tema e reverem suas perspectivas bem como a de sua comunidade em relação às diferentes culturas, comportamentos e costumes. O contato com o projeto oportunizou um exercício de todos os participantes bem como uma interação entre os acadêmicos de Psicologia e os alunos do Ensino Fundamental.

Percebemos que a todos foi oferecida a oportunidade de melhorar a prática em campo, bem como lidar com o público, coletando experiências relevantes durante a pesquisa. Desta maneira, o propósito do Projeto de Extensão pôde ser concluído com êxito, diante da oportunidade que os graduandos tiveram em atuar diretamente com a área escolhida. Além disso, os que se submeteram ao estudo proposto foram beneficiados com os resultados colhidos.

Faz-se necessário, também, discutirmos as questões étnico-raciais em sentido amplo, pois temos inúmeros episódios de práticas racistas e preconceituosas em nosso cotidiano. É inadmissível que, ainda, tenhamos racismo em nosso país. Sendo assim, o projeto foi de grande valia para tentarmos mudar esse lastimável cenário nacional.

5 Referências

ALMEIDA, J. F.; CARENO, M. F. Representações no cotidiano escolar: vicências raciais na sala de aula. In: PESSANHA, M. M. J (org). **Cadernos PENESB 13**: relações étnico-raciais e currículo escolar. 3ed. Niterói: Alternativa Editora e Produção Cultural Ltda, 2012. p.73-92.

ARAÚJO, F. C. Da cultural ao inconsciente cultural: psicologia e diversidade étnica no Brasil contemporâneo. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 22, n. 4, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000400004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 de ago. De 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC, 2013. 103p.

CANDAU, V. M. F.; OLIVEIRA, L. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em revista**. v. 26, n. 1, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 de ago. de 2017.

MARTINS, H. V.; SANTOS, A. O.; SCHUCMAN, L. V. Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. **Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 32, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000500012&lng=pt&nrm=iso#***a>. Acesso em: 14 de ago. de 2017.

SANTOS, D. J. S; PALOMARES, N. B.; NORMANDO, D.; QUINTAO, C. C. A. Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar. **Dental Press J. Orthod.**, Maringá, v. 15, n. 3, p. 121-124, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-94512010000300015>. Acesso em: 14 de ago. de 2017.